

A GUERRA NOS QUARTEIRÕES

por Almiro Santos (texto) e Armando Munguambe (fotos)

Dom.
15/3/92

A profissão deles é matar. Empunham catanas. Trazem a tiracolo armas de fogo. Agem no silêncio. De vez em quando protagonizam cenas de puro canibalismo. Decepam cabeças e ficam a ver o sangue a jorrar das artérias. Decepam membros e riem-se com gosto. É sadismo, evidentemente. Em Maputo, ninguém ouve estes risos e estes choros, apesar de se estar a pouco menos de 10 quilómetros da cidade onde está instalado o Governo Central. T-3, Zona Verde e Ndlavela são alguns dos palcos desta guerra dos quarteirões. Quem quer que esteja por detrás desta matança procura ganhar quarteirões à custa do terror. Puro e trágico. A Renamo refuta todas as acusações que se lhe fazem. A Renamo afirma que não poderia, de forma alguma, estar a matar de forma tão indiscriminada a população que, eventualmente, lhe dará votos nas eleições. Então, quem está a matar e por que razão?

No Bairro Albasini, arredores da cidade de Maputo, uma mulher viu a cabeça do seu irmão a ser decepada por uma catana. Ela contou aos jornalistas que o acto fora praticado por elementos da Renamo. A mulher não chegou a fundamentar a sua afirmação com factos que não deixassem margem para dúvidas de que se tratava, efectivamente, da Renamo, mas afirmou que o grupo armado pôs-se imediatamente em fuga quando milicianos começaram a disparar.

Tentando reconstituir, teoricamente, a incursão deste grupo armado, moradores sustentam que, na eventualidade de o grupo pertencer à Renamo, **teria de haver uma grande permeabilidade no seio das unidades militares estacionadas na zona**, uma vez que até bem pouco tempo Albasini era tido como um local seguro, albergando, inclusivamente, refugiados provenientes do distrito de Marracuene, mais ao norte.

A leste do bairro fica o litoral. Por esse lado estão afastadas quaisquer hipóteses de incursões, a menos que os assaltantes desembarquem em lanchas e utilizem submarinos, conforme disse um morador de Albasini que ficou sem a sua mulher no primeiro ataque. Ele pensa que a mulher está cativa numa base qualquer.

Do lado sul fica a cidade de Maputo, mas apesar de não estar posta de lado a possibilidade de os grupos armados entrarem pela picada que dá acesso ao bairro, para quem vem da cidade, pensa-se que o facto de o último grupo armado que atacou Albasini ter sido visto a fugir em direcção ao norte arregimenta a teoria de que existem pequenos acampamentos no vasto terreno que ninguém controla e que abarca Muntanhana e Macaneta.

Na eventualidade de os grupos de assaltantes provirem de oeste, eles teriam que atravessar a Estrada Nacional número 1, facto que esbarra na hora em

que tais ataques se realizam, uma vez que, segundo a teoria de um morador, **eles precisariam de pelo menos quatro horas para caminhar e estariam sujeitos a encontros com a nossa tropa, ainda por cima à luz do dia.**

Os ataques são feitos, normalmente, entre as 20 e as 22 horas. Porém, há memória de um ataque contra o Bairro Albasini e Mahotas já de madrugada, facto que poderia ser atribuído a um grupo que teve de percorrer grandes distâncias e atravessar, de dia, outros bairros habitados, como aqueles que se situam nas cercanias do Zimpeto.

O problema seria: como é que as armas entrariam por esses bairros sem serem notadas? Há suspeitas de que colaboradores desses grupos armados utilizariam a capa de refugiados para introduzirem um verdadeiro arsenal nos locais previamente planeados para assaltar. Assim, pensa-se que senhoras transportando trouxas na cabeça serviriam de uma espécie de "paiol pedestre" para apoiar essas acções.

No Bairro Zimpeto, que fica mais a oeste das Mahotas e Albasini, não se põe em dúvida a sua segurança. De um lado encontram-se os paióis, estando, permanentemente, uma unidade militar. Do lado norte do bairro encontra-se situada a Mabor de Moçambique, que goza de uma grande protecção militar.

Em caso de uma incursão armada nesse sentido, os assaltantes teriam que contornar esta área e aproximar-se mais ao norte, onde estão situados dois centros de formação de Forças de Defesa e Segurança, mais concretamente na localidade de Michafutene.

Na semana passada, porém, uma unidade de comandos surpreendeu um grupo de elementos da Renamo no distrito da Moamba que, alegadamente, regressavam de ataques aos bairros periféricos da cidade de Maputo. Foram abatidos seis homens da Renamo, de

acordo com o Estado-Maior General das Forças Armadas de Moçambique.

Uma fonte militar afirmou que reinava uma grande imprecisão sobre a proveniência dos grupos armados que atacam alguns bairros da cidade de Maputo, mas garantiu que neste momento está a decorrer uma "relocalização" de bases susceptíveis de serem utilizadas para ataques a Maputo.

MAPUTO: TÃO LONGE E TÃO PERTO...

Do Bairro T-3 é possível destrutar-se de um panorama nocturno da cidade de Maputo. Mesmo de dia vêem-se, ao longe, os edifícios da grande capital. À noite, as luzes tremelicam e são um ponto de referência que não se pode ignorar por uma questão de sobrevivência. É que é exactamente para aquele sentido que se foga dos ataques de grupos armados.

A via rodoviária que conduz ao Bairro T-3 do lado de "George Dimitrov" está mais intransitável que um carreiro de cabritos. Em tempos circulavam autocarros da ROMOS, mas a partir de um momento deixou de fazer parte dos trajectos e projectos desta companhia. O que resta, agora, daquilo que foi uma estrada em condições, serve para aqueles que vão a todas as por um pouco de lucro: os "chapas-300".

É exactamente por esta via onde circulam milhares de pessoas que fogem da insegurança dos seus bairros e refugiam-se no círculo do Bairro da Zona Verde ou então no Bairro George Dimitrov. Um ritual que se repete todos os dias à mesma hora, envolvendo as mesmas pessoas.

No Bairro T-3, mais precisamente, a luz do dia apaga qualquer indício de guerra. Os miúdos continuam a vender cigarros avulsos, o mercado local regista uma enorme movimentação e as trocas comerciais não têm fim, às vezes

acontecem as festas de ocasião, mas a música e o álcool não fazem descurar a vigilância e a atenção dos moradores para qualquer movimentação suspeita.

Há zonas de guerra em que nada há a fazer senão amor. No Bairro T-3 espera-se para depois da meia-noite, altura em que se pensa que não haverá nenhum ataque, segundo disse um dos moradores que se mostrou "infeliz" com a sua situação de abstinência forçada.

— **Normalmente preciso de três horas para me concentrar naquilo que vou fazer. Isto não é vida** — desabafou.

Mais para o norte, na área onde em tempos funcionou um cinema ao ar livre, o "Drive-In", os antigos residentes só se encontram nas épocas embriagadoras de caju e canhu, altura em que se juntam para celebrar momentos nostálgicos do tempo em que viviam em paz.

Aliás, pensa-se que serãnessas zonas abandonadas, onde praticamente ninguém vive, que os grupos armados que actuam nos bairros T-3, Ndlavela e Zona Verde permanecem por algumas horas antes de entrarem em acção. O Bairro de Congolote, por exemplo, é tido como "terra de ninguém".

Congolote foi referido por um antigo cativo, morador do Bairro T-3, como o local onde permaneceram durante um dia antes de encentarem a caminhada para a base. Segundo disse, ele conseguiu fugir na altura em que estalou uma zaragata entre os seus raptos, em torno dos despojos que haviam sido roubados à população.

Três antigos cativos dos grupos armados afirmaram, unanimemente, que quando foram raptados caminharam em direcção a Congolote, onde procederam à distribuição dos produtos roubados. A única referência que deram em relação à eventualidade de os seus captores pertencerem à Renamo, foi a alusão a uma "base" onde "os chefes" apoderar-se-iam da mercadoria que transportavam, ficando os assaltantes "a chuchar no dedo".

Uma moradora garantiu que um dos assaltos a Ndlavela foi protagonizado por um grupo de crianças "com aspecto de estarem drogadas".

Quando assaltaram uma loja correram logo para as bolachas e os doces, mas todos eles bebiam cerveja.

Uma outra testemunha afirmou que o Bairro T-3 foi assaltado por um grupo de crianças que se fazia transportar num camião com matrícula estrangeira, mas existem opiniões contraditórias a esse respeito, já que um outro testemunho sustenta não ter visto nenhuma criança armada, mas indivíduos bem fardados que pareciam ser a nossa tropa.

No bairro as opiniões divergem no que se refere à proveniência dos grupos

armados. Há alguns que apontam a direcção de Congolote, no norte, e outros que apontam a oeste, na direcção de Ndlavela. Caminhando nessa direcção é possível atingir-se o distrito da Moamba, onde foram abatidos, recentemente, seis elementos da Renamo, de acordo com o comunicado do Estado-Maior General.

As divergências existem também no que diz respeito ao facto de todos os dias se realizar o exercício do "placagem". Apesar dos ataques, uma boa parte dos moradores insiste em permanecer nas suas residências, fugindo apenas quando os ataques ocorrem, geralmente para um local pré-estabelecido.

Ficamos cá até às 21 ou 22 horas. Depois dessa hora sabemos que podemos dormir à vontade e que eles não virão —disse um dos persistentes.

Porém, juntando-se a uma vaga que provém de Ndlavela e outros bairros próximos, muitos moradores de T-3 recorrem ao "chapa-300" para "se porem ao fresco", de preferência para ainda mais longe do que o Bairro George Dimitrov ou Zona Verde. Moradores da área situada mais ao norte da Zona Verde buscam refúgio no antigo Bairro Benfica.

"CHAPA-300": O NEGÓCIO DE MOMENTO

O negócio, de momento, chama-se "chapa-300" ao longo do trajecto que liga os bairros T-3 e George Dimitrov. Milhares de pessoas servem-se de dezenas de carrinhas que se acercam de "Beirute", sobretudo depois das 17 horas.

Grande parte das famílias que abandonam os seus locais de residência leva consigo trouxas contendo roupa, mantas e mantimentos. Outros, dotados de meios de transporte próprios, não hesitam em levar um colchão, embrenhando-se na enorme procissão de pessoas que buscam segurança noutros aglomerados populacionais.

Sem esconder a sua satisfação, um motorista de "chapa-300" comentava: **que grande negócio!**

Na impossibilidade de se fazerem transportar no "chapa", famílias existem que percorrem a pé as distâncias que separam as suas residências ao bairro George Dimitrov, Bagamio e 25 de Junho. Assim, para além de uma fila interminável de carros, assiste-se a um autêntico êxodo, fazendo lembrar os tempos em que, na América, se faziam as corridas em busca do ouro. Neste caso, os garimpeiros não são mais do que cidadãos que, de um dia para o outro, descobriram que em Moçambique o único sítio seguro é o Cemitério.

No Bairro George Dimitrov a busca do "chapa-300" não é menor. Facto que não acontecia nos tempos em que ainda se

dormia em segurança nos bairros periféricos, as carrinhas, agora, enchem-se de passageiros que vão em direcção à cidade, partindo da terminal do Bairro George Dimitrov. São aqueles que não acreditam em medidas suplementares e preferem ter a garantia de que onde dormem não serão surpreendidos. Alguns deles viviam no Congolote, passaram depois a "placar" em Ndlavela, depois T-3. Desta vez não querem surpresas e preferem soluções efectivas.

Aliás, já no mês passado um comerciante do Bairro George Dimitrov encontrou um bilhete na sua loja que dizia o seguinte: «o próximo bairro é este!»

PASSIVIDADE PREMEDITADA?

No último ataque ao Bairro T-3, o grupo armado que o protagonizou não encontrou nenhuma resistência. Aliás, em quase todos os ataques que os bairros periféricos da cidade de Maputo sofreram ficou demonstrada uma passividade alarmante das unidades das Forças Armadas de Moçambique, facto que levanta vozes de protestos populares.

No "T-3", um morador garantiu que todas as noites se vêem tropas que abandonam os seus aquartelamentos em

direcção às áreas donde se supõe virem os atacantes. O morador surpreende-se: como é que não há rencontros entre as duas forças, uma vez que quando os ataques se realizam só passadas umas três horas é que chega a resposta das FAM.

Na quarta-feira passada, um militar que trazia a tiracolo uma AKM e que na altura se encontrava no Mercado do Bairro T-3, revelou, com alguma desconfiança, que **comia chima há seis meses e que desde então nunca vira peixe ou carne no seu prato. Só chima.**

Já a servir, com grande sofreguidão, largas baforadas de fumo de cigarro que lhe oferecemos, o militar revelou que, de facto, **o moral está em baixo entre nós. Onde é que estão os nossos vencimentos? Só sabemos que os pagadores têm carros, que os das Finanças do Ministério da Defesa Nacional têm barracas e tudo isso. Andam a comer o nosso dinheiro e querem que a gente fique aqui no mato a lutar. A lutar contra quem?**

Os pés do militar estão encobertos por um par de sapatilhas que não pertencem ao Exército. São, provavelmente, a única recordação que tem da sua vida civil. De resto, ele passeia-se com a arma a tiracolo e percorre com os olhos, gulosamente, o recheio das bancas do mercado e das prateleiras das barracas.

Descascando, às pressas, uma banana oferecida, o militar acrescenta, falando sobre os comandos: **esses dos dólares? Não sei, perguntem a eles. O que eu sei é que na Manutenção Militar estão a vender a comida que devia ser para nós. Alguma vez já viram uma Manutenção Militar vender comida para civis enquanto os soldados estão a passar fome? — pergunta.**

Em tempos, um mecânico de motas do Bairro T-3 afirmou que havia feito a reparação, sem se aperceber, de uma motorizada pertencente, alegadamente, a um elemento da Renamo. Um outro residente declarou que **eles até jogaram connosco futebol no torneio do fim-do-ano.**

Um dos mais sangrentos massacres perpetrados pela Renamo em Moçambique foi o de Homoine, na província de Inhambane. Sobreviventes disseram, na altura, que durante algumas horas até jogaram futebol no campo local. O caso de T-3, não sendo idêntico, demonstra que pode haver uma grande passividade que permeabilize atitudes como esta.

FUGIR, FUGIR, SEMPRE

O lema agora é fugir, fugir, sempre, seja para onde for. Os que fogem deixam as suas casas desguarnecidas. O outro problema que surge com o novo deslocado é precisamente este: os haveres ficam expostos àqueles que têm as mãos leves e vivem do alheio.

Moradores de Ndilavela, que se fixaram no Bairro T-3, queixam-se agora de que grande parte dos seus haveres já não existem, uma vez que foram surripiados. Enfrentando, de novo, o problema da insegurança, a sua maioria prefere permanecer no Bairro T-3, mesmo sabendo que as suas cabanas foram erguidas em locais expostos a ataques

de grupos armados.

Paradoxal é o facto de os atacantes preferirem as miseráveis cabanas dos deslocados e privilegiarem as habitações mais prósperas, certamente em busca de despojos mais significativos. Para além disso, são alvos preferenciais os estabelecimentos comerciais, havendo o exemplo de algumas lojas e cooperativas que ficaram entregues "às moscas".

No Bairro George Dimitrov, as centenas de pessoas que ali se aglomeram dormem ao relento, aproveitando-se do facto de as barracas proporcionarem recantos mais ou menos possíveis de acolher uma família, e as varandas dos estabelecimentos comerciais ali sediados estarem dotados de cobertura que os protege, parcialmente, nos dias de chuva.

Na terminal do Bairro George Dimitrov acorrem todo o tipo de pessoas, a maior parte delas levando esteiras, mantas e marmitas. Na quarta-feira passada, uma motorizada parou defronte de uma barraca. O motociclista trazia, enconstado ao peito, uma criança que ainda não tinha dois anos, alongou a vista pelo mundo de gente que passava. Procurava o restante

agregado familiar. A mulher e mais outras duas crianças, já mais adultas.

Localizada a família, a questão era encontrar o sítio para "placar". Ali próximo existia um quintal onde, geralmente, a maior parte dos deslocados se refugia. O motociclista para lá se dirigiu, seguido pelo resto da família. É sempre assim. Outros vão mais longe, não confiam na segurança do bairro e apanham um "chapa-300" que os leva à cidade.

O bilhete ameaçador que foi encontrado numa das lojas do Bairro George Dimitrov não desencoraja, contudo, os frequentadores das barracas e os respectivos gestores. Não se sabendo muito bem como é feito o orçamento familiar, o certo é que algumas das pessoas que fogem da insegurança dos bairros adjacentes ao George Dimitrov, passam a noite a emborcar cerveja. Alguns afirmam, com um ar meio sério e meio gozão: **se tiver que morrer vou morrer feliz...**

O Bairro George Dimitrov está situado mais ou menos entre o km 5 e 7 da Estrada Nacional número 1. No cruzamento que vai para Malhazine ficam os paióis, havendo, um pouco antes de se chegar ao bairro, para quem vai da cidade em direcção ao distrito de Marracuene, uma unidade militar.

Às vezes passam carros blindados, mas os mais pessimistas afirmam que as viaturas militares estão de passagem e dirigem-se à Mabor de Moçambique, onde vão reforçar a sua segurança.

Do Bairro Zona Verde, que fica adjacente ao Bairro George Dimitrov de lado oeste, acorrem muitos residentes ao antigo Benfica. O norte de Zona Verde está meio desabitado, uma vez que fica próximo do Bairro 1º de Maio, que por sua vez é próximo de Congolote. Porém, no limite oeste do Bairro Zona Verde está situada a subestação da Sonefe, que tem a sua própria protecção, mas as pessoas pouco se fiam na sua impermeabilidade, no sentido de que não deixaria passar nenhum grupo armado que tivesse a intenção de fazer uma incursão armada a George Dimitrov.

Não confiando em ninguém, e sobretudo pensando que não existe ninguém para os defender, as pessoas despedem-se umas das outras mais ou menos como aquelas duas senhoras que diziam, à hora de "placar", no círculo da Zona Verde:

— I ta pfuchana

— A i pfuchaneni — (Acordemo-nos).

Porque o problema é que ninguém sabe se o amanhã chegará...